

## **Casas Nobres de Messejana – Do século XVIII à actualidade**

**Daniel Ribeiro Alves – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa**

### **Preservação e valorização do património local da vila de Messejana**

O presente texto foi produzido no âmbito dos trabalhos realizados no Gabinete Técnico Local de Messejana (GTL), estrutura dependente da Câmara Municipal de Aljustrel, durante o ano de 2001. O principal objectivo do GTL residia na elaboração de um Plano de Pormenor de Salvaguarda e Reabilitação do Núcleo Histórico de Messejana, tendo em vista promover medidas de recuperação, valorização e revitalização do património existente, tais como: contribuir para a recuperação do património edificado; valorizar e revitalizar os espaços, os equipamentos e os edifícios de valor arquitectónico; valorizar os recursos histórico-culturais que afirmam uma identidade regional; recuperar e revitalizar o património ambiental e natural; potenciar a integração do núcleo histórico e da Vila de Messejana no Concelho e na Região.

Uma das componentes desse Plano relacionava-se com a História: a história da vila de Messejana, por um lado, e a investigação sobre o seu património histórico edificado, por outro. Neste sentido, o texto que agora se apresenta é um primeiro esboço da segunda componente, debruçando-se sobre o estudo da evolução do edificado ao longo dos tempos, partindo dos testemunhos actuais.

O objectivo mais específico, nesta curta abordagem, é destacar um conjunto de casas que pelas suas características arquitectónicas actuais se apresentam como “casas nobres de Messejana” e sobre as quais podemos encontrar registos e vestígios que com o passar dos séculos as foram destacando da traça arquitectónica característica da vila.

A introdução histórica que fazemos é, obviamente, muito resumida e cinge-se somente a alguns aspectos que seleccionámos da história de Messejana, abarcando apenas os séculos XVI a XVIII. Igualmente, as casas aqui abordadas correspondem a uma selecção feita com base em dados dos séculos XVIII e XIX, e não são, como é evidente, a totalidade das casas que as gentes de Messejana guardam na sua memória como sendo detentoras de um passado mais ou menos nobre.

### **Introdução Histórica**

Messejana foi em tempos vila importante e que se destacava das demais na região do “Campo de Ourique”. Para tal contribuía, sem dúvida, o facto de ser concelho e, pelo menos, desde 1512 deter foral que lhe foi atribuído pelo monarca “Venturoso”, D. Manuel I<sup>1</sup>. Mas a vila não se evidenciava apenas em termos administrativos. Desde o século XV que tinha médico permanente, um

---

<sup>1</sup> Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. V, pág. 200; DIAS, Luiz Fernando de Carvalho, *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve. Entre Tejo e Odiana*, Fundão, 1965, pág. 62.

“Mestre” físico, sendo que no Baixo-Alentejo era das poucas localidades com este privilégio, pois só Beja, Serpa e Mértola tinham clínicos na mesma época<sup>2</sup>.

Para a sua força política e social contribuía também o facto de ser berço e morada de gente ilustre e bem colocada junto do poder central, dos monarcas. O exemplo mais paradigmático é, certamente, o de D. Lourenço da Silva, regedor da Casa da Suplicação e Conselheiro de D. Sebastião, filho de Diogo da Silva e D. Antónia de Vilhena. Acompanhou o monarca em Alcácer-Quibir, onde morreu, segundo a lenda, “quando procurava defender o rei dos golpes dos inimigos”<sup>3</sup>. D. Lourenço foi importante benemérito em Messejana, sendo-lhe atribuída a fundação do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Franciscanos, em 1566 ou 1567<sup>4</sup>, e da Igreja da Misericórdia, em 1570<sup>5</sup>.

É provável que se ficasse a dever à sua influência a estadia de D. Sebastião em Messejana, em 1573. O monarca, em viagem pelo Alentejo, permaneceu por quatro dias na vila, entre 10 e 13 de Janeiro, tendo-se realizado, então, grandiosos festejos em sua honra com touradas, caçadas, banquetes e uma exposição equestre. À entrada da vila foi recebido por uma companhia de ordenanças constituída por 200 homens. O rei e os acompanhantes, no tempo que permaneceram em Messejana, ouviram por diversas vezes missa, precisamente, nas recém fundadas igrejas da Misericórdia e do Convento Franciscano<sup>6</sup>. Estes dois edifícios religiosos, por serem de construção recente, apresentavam, por certo, melhores condições para receber de forma condigna a presença real do que a já bicentenária Igreja Matriz.

Porém, o caso de D. Lourenço da Silva não é o único pois, com as guerras da Restauração, Messejana e as suas gentes voltaram a ter oportunidade de mostrar o seu valor, ganhando novo impulso em termos políticos e, em especial, militares. Temos conhecimento de, pelo menos, dois naturais da vila terem participado nas guerras da Restauração, tendo sido por isso recompensados. Foi o caso de João Brás de Almeida de Vasconcelos, que em 1644 recebeu foros de cavaleiro-fidalgo pelos serviços prestados nas “fronteiras do Alentejo”, e de João Velho da Costa Soares, também agraciado

---

<sup>2</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, s.l., Verbo, Vol. II, 1980, pág. 330; GONÇALVES, Iria, “Físicos e Cirurgiões quatrocentistas”, in *Do Tempo e da História*, Lisboa, Vol. I, 1965, pp. 88 e 108.

<sup>3</sup> AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s.d., Vol. XXVIII, pág. 818.

<sup>4</sup> P. António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, Tomo II, pág. 500; CALISTO, Judite e MARTINS, Maria Odete S., “Bula Ineffabilia Gloriosa do Papa Pio V Concedida à Igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Messejana”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 7, 1998, pp. 51, 55 e 56; DIAS, Maria da Graça, “Os franciscanos de Messejana, pregadores no campo de Ourique”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 8, 1999, pág. 83.

<sup>5</sup> *O Campo d’Ourique*, nº 34, 23 de Março de 1899; PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, “Urbanismo histórico das vilas de Aljustrel e Messejana. Séculos XIII a XVI”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 5, 1996, pág. 82.

<sup>6</sup> LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve. A alteração das linhas de força da política nacional*, Livros Horizonte, 1984, pp. 89 a 93; AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XVII, pág. 50; CALISTO, Judite e FERRER, Jayme, “Vila de Messejana. Salvaguarda e Valorização”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 1, 1992, pág. 105; PAQUETE, Francisco Soares Victor, “D. Sebastião em Messejana”, in *Messejana d’algum dia...Cadernos Culturais da Junta de Freguesia de Messejana*, Messejana, Vol. IV, 1998, pp. 55 a 59.

com o título de cavaleiro-fidalgo, em 1664, pelos serviços prestados na campanha do Alentejo e na investida a Badajoz<sup>7</sup>.

Esta participação activa da gente nobre de Messejana ao lado de D. João IV trouxe vantagens para a vila que, em 1659, viu Gaspar Juzarte Loureiro, como capitão-mor de Messejana, passar a chefiar, por mercê do monarca, as guarnições de Aljustrel, Alvalade, Panóias, Colos e Garvão<sup>8</sup>.

O início do século XVIII aparenta ter sido novamente favorável ao desenvolvimento da vila. Tinha, então, dois juizes ordinários, um juiz dos direitos reais, dois escrivães, dois tabeliães, um alcaide e mantinha a companhia de ordenanças<sup>9</sup>. A partir de 1721 passou a ter Juiz de Fora e no ano seguinte começou a funcionar na vila o serviço de Correio<sup>10</sup>. Data desta altura, cerca de 1726-1729, a construção da Torre do Relógio, ainda em razoável estado de conservação, obra mandada executar pelo Juiz de Fora, Henrique Barbosa Canais, representando, sem dúvida, um símbolo de poder político e do desenvolvimento económico e social de Messejana<sup>11</sup>. [Inserir imagem "Torre.jpg"]

Por um lado, este desenvolvimento reflectia-se numa ampla variedade de categorias profissionais que representavam, igualmente, uma dinâmica económica que ia para além da mera actividade agrícola. No rol de profissões existentes em Messejana, em 1722, incluíam-se tecedeiras, alfaiates, oleiros, pedreiros, seareiros, ferreiros, ferradores, tintureiros, serralheiros, albardeiros, carpinteiros, cardadores, padeiras e taberneiras<sup>12</sup>.

Por outro lado, estas dinâmicas políticas e económicas ganhavam expressão no património edificado, pois é precisamente a partir do século XVIII que encontramos um maior número de referências à existência de "Cazas Nobres" na vila, algumas das quais ainda são possíveis de observar na Messejana dos nossos dias.

## **As Casas Nobres de Messejana**

O que podemos entender por "casa nobre"? Numa visão simplista poderíamos referir que será aquela que apresenta características arquitectónicas que a fazem destacar do conjunto urbano envolvente. Porém, esta noção tem, necessariamente, de se adaptar ao caso particular do país, região ou localidade a estudar e, igualmente, à época histórica a abordar. As casas consideradas como nobres em Portugal ou, particularmente, no Alentejo podem não o ser noutros países ou regiões. Este conceito tem sempre de ser obtido

---

<sup>7</sup> IAN-TT, *Inventário dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, Lisboa, Imprensa Nacional, Vol. II, 1917, pp. 126 e 304.

<sup>8</sup> COELHO, P. M. Laranjo (pub.), *Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. João IV e a El-Rei D. Afonso VI*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1940, Vol. II, pág. 281.

<sup>9</sup> P. António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, Tomo II, pág. 500.

<sup>10</sup> *O Campo d'Ourique*, nº 19, 8 de Dezembro de 1898; *O Campo d'Ourique*, nº 91, 26 de Abril de 1900.

<sup>11</sup> *O Campo d'Ourique*, nº 60, 21 de Setembro de 1899; *O Campo d'Ourique*, nº 91, 26 de Abril de 1900; PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, "A Evolução Urbana da Vila de Messejana...", pág. 31.

<sup>12</sup> *O Campo d'Ourique*, nº 98, 14 de Junho de 1900.

pela comparação das características desses edifícios com os que os enquadram.

Uma coisa, porém, parece certa, “as casas particulares em Portugal não atingiram, na generalidade, um programa construtivo de alto nível, de modo a despertar o interesse dos investigadores; sofreram, além disso, transformações constantes, em resposta às exigências e às variações de gosto dos seus habitantes. (...) Mesmo em momentos de conjuntura económica favorável, não se regista bom nível artístico nas habitações da pequena nobreza e da burguesia portuguesas (...).”<sup>13</sup>

Esta afirmação não é isolada e não se restringe a uma determinada área geográfica, antes é comum a todo o país. Este quadro é claramente influenciado pela comparação com outros países, sendo que em Portugal “as construções em que habitou a nossa nobreza foram sempre de pequeno nível artístico e de reduzidas dimensões”<sup>14</sup>.

Apesar disso, não deixa de ser significativa, tendo em conta os objectivos e os limites temporais desta investigação, a afirmação de que “o século XVIII foi uma época áurea quanto à quantidade e qualidade dos solares construídos em Portugal.”<sup>15</sup> Contudo, também neste panorama é necessário introduzir uma nova nota distintiva, também ela importante, tendo em conta a área geográfica que nos interessa. Efectivamente, é referenciado que a Sul do Tejo as construções nobres, em comparação com o resto do país, revelam “uma certa uniformidade que se traduz na simplicidade arquitectónica e construtiva”<sup>16</sup>.

Estas características gerais estão presentes na maioria das casas que aqui destacamos. Porém, tendo em conta a pesquisa feita nos arquivos notariais, principal fonte para este estudo, foram dois os critérios principais que estiveram na base desta escolha: primeiro, optámos por seleccionar apenas as casas que na documentação apareciam, num dado momento, entre os séculos XVIII e XIX, designadas como “casas nobres”; segundo, destas analisámos somente aquelas que foi possível fazer corresponder a edifícios ainda hoje existentes e que constituem, assim, a nosso ver, um património arquitectónico a destacar e a conservar na malha urbana de Messejana.

### ***Casa da Rua do Espírito Santo, actual n.º 5***

[Inserir imagem “Casa\_Espirito\_Santo\_5.jpg”] É o exemplo da casa onde actualmente está o Museu de Messejana, na rua do Espírito Santo. As primeiras referências a esta propriedade datam do século XVIII. Em 1717 foi vendida a Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, natural de Messejana, por Bartolomeu de Sousa Mexia, moço fidalgo da Casa de D. João V<sup>17</sup>. Entre 1809

---

<sup>13</sup> Teresa Maria Vieira dos Santos Pereira Bettencourt da Câmara, *Óbidos. Arquitectura e Urbanismo (Sécs. XVI e XVII)*, Lisboa, Dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986, pág. 192.

<sup>14</sup> António Nogueira Gonçalves, *Casas Nobres do Século XVIII*, Coimbra, Comissão de Turismo da Lousã, 1950, pág. 8.

<sup>15</sup> Manuel Pedro Rio Carvalho, “Introdução”, in *Casas Nobres de Portugal*, Lisboa, Difel, 1987, pág. 11.

<sup>16</sup> *Casas Nobres de Portugal*, Lisboa, Difel, 1987, pág. 15.

<sup>17</sup> *O Campo d’Ourique*, nº 56, 24 de Agosto de 1899.

e 1835 morou nela o Dr. Gervásio Carvalho de Miranda, juiz de fora de Messejana nos anos de 1803 a 1805 e primeiro presidente da câmara após 1834<sup>18</sup>. Em 1899 pertencia ao último notário da vila, Francisco Soares Victor<sup>19</sup>. Esteve na posse da família deste notário até à altura em que foi vendida ao Arq.º Henrique Albino. Este doou a propriedade à Santa Casa da Misericórdia de Messejana.

[Inserir imagem “Casa\_Espirito\_Santo\_5(pintura).jpg”] Funciona actualmente como Museu Etnográfico e Biblioteca. Entre outros pormenores de interesse, destacamos uma divisão do primeiro piso que apresenta pinturas no tecto, ainda por datar, e o pátio principal da casa.

### ***Casa da Rua Soares Victor, actual n.º 8 e 10***

[Inserir imagem “Casa\_Soares\_Victor\_8-10.jpg”] Uma outra casa, também ela muito conhecida dos messejanenses, mas infelizmente em avançado estado de degradação, é a chamada “casa do notário Soares Victor”, na esquina entre a rua homónima e a rua Nova da Palma. Sabemos que em 1758 esta propriedade pertencia a Inácio de Brito Arvelos, onde morava com a sua família. Por sua morte passou a mesma para os herdeiros<sup>20</sup>. Em 1761 a propriedade é descrita como “hum Morada de Cazas nobres na Rua do Poço”, antigo nome da actual rua Soares Victor, pertencentes ao “Doutor Desembargador João Ignácio de Brito e Abreu”<sup>21</sup>. Este era filho de Inácio de Brito Arvelos e D. Maria Lamega Mendonça e Abreu Laçerda<sup>22</sup>.

No ano seguinte, a mesma casa, em conjunto com outras na mesma rua, é vendida pelo desembargador a Juliana Gonçalves, solteira e moradora na Herdade da Galiana, todas avaliadas em 381\$000 réis. Na escritura desta transação é feita uma descrição mais pormenorizada da actual casa Soares Victor. É então referido que correspondia a “hum morada de Cazas Nobres que elle dito dezembargador puçui cujas cazas são suas proprias e são Çitas na Rua do poço desta mesma vila e constão de seis sobrados e sete cazas terreas e hum alcoba e hum das ditas cazas terreas armadas já para sobrado e hum forno de cozer pão e hum cavalheriçe e palheiro, quatro quintais morados (...) e dois delles com arvores de fruta e todos com suas portas e chaves e hum poço com hum tanque grande que serve de regar o quintal em que se faz orta”<sup>23</sup>.

Em 1763 foi de novo vendida, pelo preço de 160\$000 réis, por Juliana Gonçalves ao Doutor Rafael da Paz Furtado<sup>24</sup>. Este era “medico do partido” da

---

<sup>18</sup> *O Campo d’Ourique*, nº 56, 24 de Agosto de 1899; *O Campo d’Ourique*, nº 94, de 19 de Maio de 1900.

<sup>19</sup> *O Campo d’Ourique*, nº 56, 24 de Agosto de 1899.

<sup>20</sup> Arquivo Notário Soares Victor (ANSV), Livro 27, fl. 11v, 31 e 102v.

<sup>21</sup> Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo (IAN-TT), Cartório Notarial de Ourique (CNO), Julgado de Messejana (JM), Cx. 5, Lv. 23, fl. 60v-62v.

<sup>22</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 23, fl. 64v.

<sup>23</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 24, fl. 4v-8.

<sup>24</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 25, fl. 29-31.

vila de Messejana, pelo menos desde 1761<sup>25</sup>. Foi casado com Dona Margarida Xavier e, mais tarde, com Dona Maria dos Santos<sup>26</sup>.

Em 1813 esta encontrava-se já viúva e a 10 de Junho vendeu as suas “Cazas altas com suas pertenças sitas na Rua do Posso e Rua Nova da Palma” ao Doutor Vicente José Cordeiro Pereira, morador na Quinta da Gulipa, pelo preço de 600\$000 réis<sup>27</sup>.

Este terá falecido cerca de 1815 e ficou como seu herdeiro o seu primo José Pedro da Lança Cordeiro, prior da Igreja de São Julião de Setúbal<sup>28</sup>. O novo proprietário pouco tempo teve a casa na sua posse, pois em 1816 esta pertencia já a Francisco Inácio Alberto de Assiz<sup>29</sup>. Este foi o último capitão-mor de Messejana, tendo ocupado o cargo entre 1829 e 1834. Para além de capitão-mor foi ainda, por diversas vezes, vereador da câmara municipal e provedor da Misericórdia da vila. Nasceu em Messejana no ano de 1789, tendo falecido em 25 de Agosto de 1852, sendo provável que ocupasse a casa até essa data<sup>30</sup>.

A partir de finais do século XIX a casa pertencia já ao notário Soares Victor que, pelo menos, desde 1892 e até 1926, manteve aí o seu escritório. A ele deslocavam-se, não só os messejanenses, como também os habitantes das populações vizinhas, por forma a cuidar das suas compras e vendas, dos seus testamentos, dos seus empréstimos de dinheiro, enfim, tratando da oficialização e legalização de muitos aspectos da sua vida quotidiana<sup>31</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Soares\_Victor\_8-10(pintura).jpg”] No seu interior são de destacar a sala do lado direito, no piso térreo, com uma abóbada ainda em bom estado; a escadaria que dá acesso ao piso superior; a sala imediatamente à direita, onde ainda se podem observar pinturas com diversos motivos que cobriam as paredes e, provavelmente, a exemplo de outras casas da vila, o próprio tecto, como o parecem demonstrar algumas fotografias de finais do século XIX. Realce ainda para o forno e para a chaminé do fogão, com um desenho muito característico. [Inserir imagem “Casa\_Soares\_Victor\_8-10(chamine).jpg”]

### ***Casa da Rua da Igreja, actual n.º 2 e 4***

[Inserir imagem “Casa\_Igreja\_2-4.jpg”] A mais antiga descrição sobre esta casa data de 1762, mas é provável que seja de construção anterior. A propriedade é referida então como “huma morada de cazas (...) çitas na Rua da Igreja desta dita vila cujas cazas são por todas sete, quatro terreas e tres sobrados, estravaria e dois quintais e forno”. Pertencia ao padre Manuel Afonso, pároco

<sup>25</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 23, fl. 40.

<sup>26</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 10, Lv. 44, fl. 280.

<sup>27</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 37, fl. 275v-276.

<sup>28</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 38, fl. 99v e 112v.

<sup>29</sup> ANSV, Livro 21, fl. 47v.

<sup>30</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 162v; Desembargo do Paço (DP), Alentejo e Algarve (AA), Maço 831, doc. 259. Veja-se ainda biografia existente no Museu de Messejana.

<sup>31</sup> Arquivo Distrital de Beja (ADB), Fundos Notariais (FN), Cartório Notarial de Messejana (CNM), Livros de Notas.

de Mértola a viver em Messejana, e foi vendida ao sargento-mor João da Veiga de Gusmão, também de Messejana, pelo preço de 60\$000 réis<sup>32</sup>.

João da Veiga de Gusmão deve ter anexado as casas que já tinha imediatamente acima a estas de modo a fazer a “morada de Cazas Nobres” que é referida mais tarde, em 1803. Neste ano são declaradas como pertencendo a Dona Maria Joaquina da Palma, sua viúva, tendo João da Veiga falecido em data anterior a 1778<sup>33</sup>. No início do século XIX é descrita como uma “morada de Cazas Nobres que [a proprietária] tem na Rua da Igreja desta villa com seus quintais cerca Cavalharia e Palheiros”<sup>34</sup>. Morava com ela o filho, o reverendo Pedro Bento de Gusmão, prior da Matriz de Messejana<sup>35</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Igreja\_2-4(porta).jpg”] Porém, no ano de 1803 a casa encontrava-se hipotecada por causa de uma dívida contraída junto do seu genro, Francisco José Ferreira. A situação financeira da viúva não deve ter melhorado pois, em 1811, a casa pertencia já a João Luís Nogueira que, curiosamente, tinha sido procurador de Francisco José Ferreira na assinatura do contrato de hipoteca<sup>36</sup>.

O novo proprietário chegou a ser escrivão da “Provedoria da Comarca de Ourique”. A casa passou, em data posterior a 1821, para os seus herdeiros que, em 1849, viviam no Porto. Estes venderam, então, a propriedade ao “Reverendo Joaquim Joze Claudino, Prior nesta Villa” de Messejana, por 153\$600 réis, “em atenção à Ruina e estrago em que se áchão os refferidos predios cauzados pelos Inquilinos”. Apesar disso, continuava a ser referida como um “Predio Nobre”<sup>37</sup>.

### ***Casa da Rua do Engenho, actual n.º 3 e 5***

[Inserir imagem “Casa\_Engenho\_3-5.jpg”] Em 1778 vivia numa parte desta casa, aquela que tinha o “forrejal”, como é referido então, Dona Margarida Constança. Na outra parte vivia João de Campos Beltrão<sup>38</sup>. Uma década depois a situação da propriedade tinha mudado. Em 1789, o “Capitão Francisco Ignacio” Jerónimo Silveira da Cunha e Brito vivia então nas casas onde tinha vivido Dona Margarida e que incluíam, para além do “forrejal”, uma “cavalharica defronte das mesmas”, na Rua do Engenho<sup>39</sup>.

Dois anos depois, é descrita como “huma morada de Cazas terrias com seus sobrados cavalharia palheiro e quintal com seu posso situadas na Rua do Engenho”. Foram, então, aforadas ao capitão Francisco Inácio Jerónimo Silveira da Cunha e Brito por 8\$000 réis anuais podendo ele “levantar sobrado” se assim o entendesse e ficando com o direito de opção caso os donos

---

<sup>32</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 24, fl. 15v-18.

<sup>33</sup> ANSV, Livro 15, fl. 2v-3v.

<sup>34</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 35, fl. 109-113v.

<sup>35</sup> ANSV, Livro 16, fl. 4-4v; Livro 17, fl. 4; Livro 18, fl. 4 e Livro 19, fl. 6.

<sup>36</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 35, fl. 109-113v; ANSV, Livro 32, fl. 6v.

<sup>37</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 12, Lv. 50, fl. 52-59.

<sup>38</sup> ANSV, Livro 15, fl. 7-7v.

<sup>39</sup> ANSV, Livro 16, fl. 8v e 10.

quisessem aforar a outra metade das casas. Estas casas pertenciam, na altura, a João de Campos Beltrão e a sua mulher Isabel Maria<sup>40</sup>.

Nos inícios do século XIX ocorreu nova alteração. Em 1814 é descrita como “humra morada de Cazas Nobres” que tinha “hotras defronte que servem de Cavalleriças e palheiros todas sitas na Rua do Engenho”. Pertencia a Francisco Inácio Jerónimo Silveira da Cunha e Brito e a Dona Josefa Mariana Cordeiro Pereira de Abreu, moradores em Beja, e estes venderam-na, pelo preço de 700\$000 réis, a José Contreiras Revez que foi capitão-mor de Messejana, pelo menos, entre 1820 e 1829<sup>41</sup>.

Em 1827, José Contreiras morava numa herdade na freguesia da Conceição, que na altura pertencia ao concelho de Messejana. Nesse ano, encontrando-se doente, vendeu a José da Conceição Bicho, de Messejana, essa mesma “morada de Cazas Nobres citas na Rua do Engenho” descrita como tendo “sobrados, cazas bachas, cavalherica, palheiro, e quintal”, pelo preço de 800\$000 réis<sup>42</sup>.

José da Conceição Bicho, passados apenas 3 anos, vendeu a José Nobre de Farias, lavrador e morador na Aldeia da Conceição, a mesma “morada de Cazas Nobres” pelo preço de 480\$000 réis. Esta aparente desvalorização das casas pode estar relacionada com os tempos conturbados do reinado de D. Miguel, que pouco depois fariam chegar a Guerra Civil a Portugal. A referência às mesmas é agora mais pormenorizada: compunham-se de “sette Sobrados e baixos respectivos, Varanda e Quintal (...) e bem assim mais todos os seus pertences que sempre desde tempos imemoraveis tem andado anexos à Referida Propriedade de Cazas que vem a ser Cavalherisse e Palheiro que fica na frente das Refferidas Cazas”<sup>43</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Engenho\_3-5(varanda).jpg”] Em 1838 os herdeiros de José Nobre de Farias, José Inácio Lança e sua mulher, Dona Joaquina Angélica Nobre, aforaram a casa a Manuel Pinto Leão pelo foro anual de 20\$000 réis. O enfiteuta ficava com a opção de, mais tarde, se assim o desejasse, poder comprar a casa<sup>44</sup>. Não sabemos se o terá feito, mas temos conhecimento que Manuel Pinto Leão foi tabelião na vila de Messejana entre 1836 e 1865, pelo que é provável que a tivesse habitado durante esse período<sup>45</sup>.

Conserva ainda alguns pormenores de interesse, nomeadamente, nas janelas e sacadas do 1º piso e no remate do telhado.

### ***Casa da Rua Nova da Palma, actual n.º 4 a 6***

[Inserir imagem “Casa\_Nova\_Palma\_4-6.jpg”] Para além do aspecto imponente desta casa, quando comparado com as restantes da mesma rua, o que prende a atenção é o nome por que é conhecida: “Casa das Mores”.

<sup>40</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 33, fl. 63-64.

<sup>41</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 38, fl. 73v-75v; Cx. 9, Lv. 40, fl. 32v e 41; Lv. 42, fl. 101.

<sup>42</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 74v-75v.

<sup>43</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 129-131.

<sup>44</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 10, Lv. 44, fl. 122-128.

<sup>45</sup> IAN-TT, *Inventário dos Cartórios de Almodôvar e Ourique*, Lisboa, 1993.



Supomos que já existisse no início do século XVIII. Em 1759 a casa, “com huma serca grande”, estava aforada a Josefa Maria Palmeira, por Marcos Alberto Palma e António Bernardo Palma<sup>46</sup>, filhos de Domingos Ribeiro Palma<sup>47</sup> e a foreira manteve-se pelos menos até 1778<sup>48</sup>.

Marcos Alberto Palma foi capitão-mor de Messejana e regente das obras de reconstrução da Ermida de Nossa Senhora da Assunção, após o Terramoto de 1755<sup>49</sup>. Morreu em 1762 ou 1763, pois a partir deste ano o foro é pago à sua viúva, Dona Feliciana de Medrano Guivarra<sup>50</sup>.

Em 1789 a casa e a respectiva cerca pertenciam a António José de Matos, continuando a pagar foro<sup>51</sup>. Em 1811 eram do “Capitão-Mor Jacinto Paes de Mattos”, provavelmente, seu filho, pagando ainda “foro das mesmas cazas aos Erdeiros de Dona Ana Palma”, familiar, talvez filha, do anterior capitão<sup>52</sup>.

Em 1814 continuavam na posse de Jacinto Paes de Matos e este pagava o foro, agora, a Dona Maria Leonor Joaquina da Palma<sup>53</sup>, de quem já falámos enquanto proprietária da casa “Nobre” da Rua da Igreja. Seria esta senhora outra filha de Marcos Alberto Palma? Não há certeza, porém, no ano seguinte a casa deixa, definitivamente, de estar ligada à sua família, pois a 11 de Outubro de 1815 Jacinto Paes de Matos comprou o foro “imposto em humas Cazas Nobres citas na Rua Nova da Palma”, por 65\$000 réis, ficando assim com a posse plena da propriedade<sup>54</sup>.

A denominação da casa poderá, então, estar relacionada com o facto de ser habitada, pelos vistos de forma continuada, pelos “capitães-mores” da vila e pelos seus sucessores ou, o que parece ser mais interessante, pelas sucessoras.

Uma delas foi Dona Catarina Máxima Paes de Matos Moreira, filha de Jacinto Paes de Matos e que habitava a casa em 1831, já depois da morte do seu pai<sup>55</sup>. Com ela residia Jacinto Paes de Matos Moreira Falcão, seu irmão e tenente-coronel do Regimento de Milícias de Alcácer do Sal<sup>56</sup>.

O que é certo é que nos finais do século XIX a casa já era conhecida “sob a denominação de – Casas das Móres”, como é afirmado numa escritura datada de 1897. Foi então vendida pela família Falcão, descendente do capitão Jacinto Paes de Matos, a Ana Ruas, moradora em Beja, pela quantia de 400\$000 réis. No contrato é feita uma descrição da casa, apontada como “uma morada de Casas Nobres, situada na Rua Nova da Palma, antigamente conhecida por Val de Cavalinhos, com seus quintaes e cerca annexos a qual se compõe de pavimento terreo e pavimento superior com diversos compartimentos, os quintaes com diversas arvores de fructo e sombra, terra de lavoura e depósito

---

<sup>46</sup> ANSV, Livro 27, fl. 100v.

<sup>47</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 3, Lv. 14, fl. 35v-36v.

<sup>48</sup> ANSV, Livro 15, fl. 23v.

<sup>49</sup> PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, “A Ermida de Nossa Senhora da Assunção”, pág. 15.

<sup>50</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 25, fl. 67v-68v.

<sup>51</sup> ANSV, Livro 16, fl. 34.

<sup>52</sup> ANSV, Livro 32, fl. 38-38v.

<sup>53</sup> ANSV, Livro 20, fl. 38v-39.

<sup>54</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 39, fl. 37v-39.

<sup>55</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 133v.

<sup>56</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 133v.

d'agua nativa, com seu tanque e respectivo encanamento, mas sem engenho e cerca com (...) terra de semear toda murada”<sup>57</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Nova\_Palma\_4-6(pintura).jpg”] Em meados do século XX a casa sofreu uma profunda remodelação, tendo sido acrescentada toda a ala sul, passando a sua fachada principal a ser constituída, ao nível do primeiro piso, por nove janelas em vez das antigas seis de finais do século XIX. Para além da sua fachada imponente é de destacar o facto de algumas das suas salas terem ostentado pinturas decorativas, das quais ainda é visível um pequeno quadro. De realçar, também, no terreno anexo, um poço, uma elaborada nora e um tanque.

### ***Casa da Rua do Espírito Santo, actual n.º 1***

[Inserir imagem “Casa\_Espirito\_Santo\_1.jpg”] A nobreza desta casa advém não só da sua estrutura e pormenores arquitectónicos peculiares, mas, também, do facto de nos séculos XVIII e XIX ter sido morada de figuras ilustres da vida e da governação da vila.

A primeira referência que foi possível encontrar data de 1759, pertencendo a casa, então, aos “Erdeiros de Gaspar Mendes Castanho”<sup>58</sup>. Cerca de vinte anos mais tarde, em 1778, é referida como propriedade de uma tal “Maria Bernarda Carneira” (Maria Bernarda da Silva Carneiro) e estava arrendada ao Juiz de Fora da vila<sup>59</sup>.

Em 1789 pertencia já a Francisco Guerreiro de Brito, Monteiro-mor de Messejana, que aí viveu, pelo menos, até 1801<sup>60</sup>.

Porém, em 1811 Francisco Guerreiro de Brito já devia ter falecido, pois na casa morava agora o seu sobrinho homónimo, o padre Francisco Guerreiro de Brito<sup>61</sup>. A partir desta data a casa foi conhecendo vários moradores, sempre gente importante na vida e quotidiano da vila de Messejana.

Em 1814 morava nela Francisco Inácio Alberto<sup>62</sup>, futuro capitão-mor da vila nos anos do Miguelismo<sup>63</sup>, e que, como vimos, em 1816 comprou a casa em frente, na Rua do Poço, actual Soares Victor.

Nesse mesmo ano, ficando desocupada, a casa é declarada como propriedade do Dr. Gervásio Carvalho de Miranda que em 1809 tinha casado com a filha de Francisco Guerreiro de Brito, D. Mariana Bárbara Guerreiro, passando assim a administrar os seus bens<sup>64</sup>.

Em 1819 a casa continuava na posse do Dr. Gervásio e da sua mulher, mas nela residia o “Corregedor” da comarca de Ourique que a trazia alugada<sup>65</sup>.

---

<sup>57</sup> IAN-TT, CNCO, JM, Cx. 16, Lv. 68, fl. 41v-43v.

<sup>58</sup> ANSV, Livro 27, fl. 102.

<sup>59</sup> ANSV, Livro 15, fl. 26v.

<sup>60</sup> ANSV, Livro 16, fl. 39v; Livro 17, fl. 40; Livro 19, fl. 40v e IAN-TT, CNCO, JM, Cx. 7, Lv. 33, fl. 16v-18.

<sup>61</sup> ANSV, Livro 32, fl. 43.

<sup>62</sup> ANSV, Livro 20, fl. 43v.

<sup>63</sup> IAN-TT, CNCO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 162v.

<sup>64</sup> ANSV, Livro 21, fl. 43v e *O Campo d'Ourique*, nº 94, de 19 de Maio de 1900.

<sup>65</sup> ANSV, Livro 22, fl. 43v.

O Dr. Gervásio Carvalho de Miranda foi juiz de fora de Messejana nos anos de 1803 a 1806. Em 1811 foi nomeado “monteiro mór dos lobos e mais bixos desta villa de Messejana”, sucedendo, provavelmente, ao seu sogro. Foi por diversas vezes vereador da Câmara Municipal de Messejana, a primeira das quais em 1820, e o primeiro presidente da mesma eleito após 1834. “Morreu, sem deixar sucessão, no dia 31 de Janeiro de 1836.”<sup>66</sup>

Pelo que ficou descrito, comprova-se que a nobreza desta casa deve muito à “gente nobre” que a habitou ou a quem a mesma pertenceu, ao longo dos tempos.

### ***Casa da Praça 1º de Julho, actual edifício da Caixa Agrícola***

[Inserir imagem “Casa\_1\_Julho.jpg”] O mesmo se pode afirmar sobre a “nobreza” desta casa que, em grande medida, é o reflexo da ocupação e função a que esteve sujeita em meados do século XIX, altura em que serviu de Paços do Concelho de Messejana. Antes dessa data são poucas as referências à mesma.

Sabe-se que em 1789 as casas, que actualmente correspondem a um único edifício, pertenciam a Francisco Guerreiro de Brito, o já referido monteiro-mor da vila<sup>67</sup>. Mais tarde passaram para a sua filha e genro, o Dr. Gervásio Carvalho de Miranda<sup>68</sup>.

Até 1850 nada mais se sabe. Neste ano é referida, pelo próprio município, como propriedade sua, sendo descrita como “uma morada de Casas Nobres na Praça desta Villa, que serve de Paços de Concelho, com uma escada; contendo no pavimento alto uma saleta, uma sala grande, onde a Camara faz as suas Sessões, duas casas immediatas, que servem de arquivo da Camara; no pavimento inferior duas casas a onde se acha a Secretaria da Administração do Concelho, duas casas a onde se acha a Thezouraria da Camara, tem um corredor que vai para o quintal com um posso, tem dentro do mesmo quintal duas casas que pertencem ao mesmo predio”<sup>69</sup>.

Foi então nesta casa que, nos últimos anos do seu funcionamento, a Câmara Municipal de Messejana reuniu.

Porém, não era um facto assente que a casa pertencesse de direito à edilidade. Efectivamente, a câmara comprou “uma morada de Cazas Nobres citas na Praça desta Villa” a Feliciano António da Costa e Joaquim Romão Louro, como é referido em acta de vereação datada de 27 de Fevereiro de 1850<sup>70</sup>. Contudo, em 1855 ainda não tinha pago o preço acordado de 190\$000 réis, como a própria câmara admite em vereação de 4 de Fevereiro, ficando acordado que essa quantia seria incluída no próximo orçamento<sup>71</sup>. Tal não chegou a acontecer pois o concelho foi extinto nesse ano e quando foi

---

<sup>66</sup> IAN-TT, DP, AA, Maço 831, doc. 299; Arquivo Municipal de Aljustrel (AMA), Câmara Municipal de Messejana (CMM), Livro de Registo das Vereações (LRV), Lv. 18; *O Campo d’Ourique*, nº 94, de 19 de Maio de 1900.

<sup>67</sup> ANSV, Livro 16, fl. 38.

<sup>68</sup> ANSV, Livro 32, fl. 42.

<sup>69</sup> AMA, CMM, Livro do Tombo dos Bens da Câmara, fl. 8v.

<sup>70</sup> AMA, CMM, LRV, Lv. 15, fl. 83v.

<sup>71</sup> AMA, CMM, LRV, Lv. 18, fl. 129-129v.

elaborado um levantamento das dívidas da câmara esta continuava a dever aquela quantia a Feliciano António da Costa<sup>72</sup>.

[Inserir imagem “Pelourinho.jpg”] Este facto chegou mesmo a alimentar uma polémica entre dois leitores do jornal *O Bejense*, alguns anos mais tarde, em Janeiro de 1863, competindo ambos, um morador em Aljustrel e outro antigo morador em Messejana, sobre qual das localidades tinha o maior número, precisamente, de “cazas nobres” e o edifício camarário mais digno<sup>73</sup>. Rivalidade entre duas povoações que as reformas administrativas da Regeneração, com a perda de autonomia de Messejana, vieram estimular!

O facto foi que esta casa continuou na posse de Feliciano António da Costa que, em 2 de Fevereiro de 1872, na altura morador em Panóias, a vendeu a Romão José, de Messejana, por 120\$000 réis. Era, então, descrita como uma propriedade composta por “sete cazas terreas e quatro altas”, com “Quintal e Poço”<sup>74</sup>.

Já no século XX, e segundo a memória de vários messejanenses, pertenceu à família do Dr. Guizado, médico de Messejana, tendo aí funcionado o seu consultório. Em 1988 foi comprada pela empresa Esdime que, mais tarde, a vendeu à actual proprietária, a Caixa Agrícola.

### ***Casa da Rua de Panóias, actual n.º 6***

[Inserir imagem “Casa\_Panoias\_6.jpg”] Sobre as origens desta casa pouco se sabe, apesar de numa das suas chaminés ostentar a data de 1825. Será a data da construção? Ou a de uma possível recuperação? Nada se pode afirmar com certeza.

O facto é que já nos finais do século XIX, mais precisamente, em 6 de Março de 1897, esta foi vendida por Baltazar Moreira de Brito e António Moreira de Brito, e respectivas esposas, a “Josue da Rosa”, lojista e morador em Messejana, pelo preço de 76\$500 réis. Terá sido uma das muitas propriedades do antigo morgado de Messejana, dono do chamado “Palacete do Morgado” da Rua do Engenho? O nome dos vendedores, provavelmente seus descendentes, assim leva a crer. O certo, porém, é que este “prédio” tinha pertencido à mãe daqueles “Dona Mariana Euzebia das Dores Militão” e encontrava-se “em ruínas” na altura da venda<sup>75</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Panoias\_6(chamine).jpg”] Era então descrita como “uma morada de casas situada na Rua de Panóias, desta villa de Messejana, livres e alodiais, que se compõe de sete compartimentos terreos e tres de sobrado, com seu quintal e poço d’agua nativa”, confrontando a Norte com a “travessa que vai para a Rua de Santo Amaro, de sul com celleiro de Tiago Antonio da Lança Cordeiro, de Nascente com a Rua Pública [de Panóias] e do Poente” com casas e quintais<sup>76</sup>.

---

<sup>72</sup> AMA,CMM, Livro das Receitas e Despesas, Lv. 19, fl. s/n.

<sup>73</sup> *O Bejense*, n.º 109, 24 de Janeiro de 1863 e n.º 110, 31 de Janeiro de 1863.

<sup>74</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 15, Lv. 62, fl. 18-19v.

<sup>75</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 16, Lv. 67, fl. 22v-24v.

<sup>76</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 16, Lv. 67, fl. 22v-24v.

Depois daquela data e até ao presente, permaneceu sempre ligada à família de “Josue Rosa”. No piso térreo, em meados do século XX, e segundo a memória de algumas pessoas de Messejana, ainda funcionavam uma mercearia, uma taberna e uma loja de tecidos, provavelmente, legado do antigo “lojista”.

### ***Casa da Rua do Espírito Santo, actual n.º 2***

[Inserir imagem “Casa\_Espirito\_Santo\_2.jpg”] Quem haveria de dizer que o actual café, da esquina entre a Rua do Espírito Santo e a Rua Soares Victor, é a última adaptação para uma casa que há exactamente 200 anos era declarada como uma “Caza Nobre”?

Contudo, pelo que foi possível averiguar, a história desta casa tem, pelo menos, três séculos. Data de 16 de Junho de 1720 a primeira referência à mesma, quando um tal José da Silva era dado como proprietário de “huma morada de cazas que tem na Rua do Espirito Santo que parte com cazas do mesmo Joseph da Silva da parte do norte e da parte do sul com a Rua que vai para a Rua da Bicada que he caza dianteira e sobrado [?] quintal e estrebaria e palheiro e mais cazas terreas”<sup>77</sup>.

Porém, só volta a aparecer na documentação em 1778, pertencendo agora a Maria de Medrano Almada, que aí terá residido até 1802<sup>78</sup>. Nesse ano, a 15 de Julho, foi vendida a Manuel do Nascimento por 200\$000 réis. Na escritura de compra e venda é feita uma descrição interessante: era “huma [morada] de Cazas Nobres citas na Rua do Espirito Santo que constam de seis cazas terreas e hum sobrado e quintal”, repartidas entre aquela rua e a “Rua do Poço”, actualmente, Rua Soares Victor<sup>79</sup>.

Entre 1811 e 1816, as casas são declaradas, para efeitos de imposto, como pertencendo a “Ana Vilhana” e a suas irmãs, uma delas de nome Josefa, talvez filhas de Manuel do Nascimento<sup>80</sup>. Neste último ano e até, pelo menos, 1819, por certo devido à morte de “Ana Vilhana”, as casas são referidas como propriedade de “Manuel [Fernandes] Gomes e sua cunhada Joseffa”<sup>81</sup>. Após um hiato na documentação, em 1838 surge uma nova referência, desta feita, pertencendo a um Manuel Gomes do Nascimento, muito provavelmente, filho de Manuel Fernandes Gomes e neto de Manuel do Nascimento<sup>82</sup>.

Nova lacuna das fontes leva-nos até ao final de Oitocentos, altura em que é descrita como “uma morada de casas situada na Rua do Espírito Santo, formando esquina com a Rua do Poço, que se compõe de sete casas terreas, dois sobrados e dois quintaes, com seu poço”. Foi vendida, em 12 de Dezembro de 1892, por Francisco António Colla e sua mulher Maria Francisca, a Cassiano dos Santos Abreu, comerciante e morador em Messejana, por 150\$000 réis. Parte desta propriedade tinha pertencido à sogra e mãe dos

---

<sup>77</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 2, Lv. 7, fl. 99-100.

<sup>78</sup> ANSV, Livro 15, fl. 24; Livro 16, fl. 36; Livro 17, fl. 37; Livro 18, fl. 46 e Livro 19, fl. 36v.

<sup>79</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 36, fl. 21v-23v.

<sup>80</sup> ANSV, Livro 32, fl. 39v; Livro 33, fl. 39v e Livro 20, fl. 40.

<sup>81</sup> ANSV, Livro 21, fl. 40 e Livro 22, fl. 40.

<sup>82</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 10, Lv. 44, fl. 123.

vendedores e outra parte tinha sido adquirida em hasta pública perante o Juízo de Direito da Comarca de Ourique<sup>83</sup>.

Terá sido, provavelmente, nesta altura que a casa foi, pela primeira vez, adaptada a uma função comercial. O que parece certo, segundo a memória popular da vila, é que ao longo do século XX foram várias as actividades ali exercidas, chegando mesmo a ser uma barbearia.

Actualmente, o seu interior está muito adulterado e, em parte, abandonado e arruinado, contudo, destaca-se ainda, como pormenor de interesse, o “lar” da antiga cozinha com um desenho típico da região. Em contraste, a fachada principal foi sofrendo poucas alterações, sendo ainda possível descobrir nela os traços que ficaram registados em fotografias de princípios do século XX.

### ***Casa da Rua da Bicada, actual n.º 2***

[Inserir imagem “Casa\_Bicada\_2.jpg”] Em 1759 esta casa pertencia a João Velho da Costa<sup>84</sup>, membro da ilustre e vetusta família dos Velho Costa de Messejana, cujas origens se perdem no século XVI, mas cujo brasão pode ainda ser admirado numa sepultura existente na velhinha Igreja Matriz.

A actual propriedade correspondia, na altura, a um conjunto de casas que serviam, tanto de habitação, como de cavalariças, palheiros e celeiros. Manteve-se na posse da mesma família até meados do século XIX, apesar de nem sempre ser habitada por familiares do morgado de Messejana e de, por vezes, ter estado mesmo desocupada.

Em 1778, ano da visita a Messejana do bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenáculo, pertenciam ao “Mestre de Campo José Joaquim Moreira” de Brito Velho Costa, morando nelas Dona Joaquina Maria Vieira<sup>85</sup>. Cerca de dez anos mais tarde são declaradas como devolutas<sup>86</sup>. Em 1793 estavam arrendadas a Diogo da Silva Ramos<sup>87</sup>, mas no ano seguinte, aparentemente, estavam novamente desocupadas, o que parece ter-se mantido até 1811<sup>88</sup>. Neste ano andavam já aforadas a Francisco Joaquim Rasquinho<sup>89</sup>, que aí residiu, pelo menos, até 1819<sup>90</sup>.

Até meados de Oitocentos nada mais se sabe sobre a propriedade, mas em 25 de Agosto de 1853 é descrita como “humã morada de Cazas Nobres sitas na Rua da Bicada, desta villa, que constão de altas e baichas, dois quintaes, pôço, Cavalherica, e palheiro e (...) sinco moradas de Cazas terreas, contiguas às mesmas Cazas nobres, quatro com a frente para a Rua do Poço, e humã com a frente para a dita Rua da Bicada, tendo tambem junto a esta um Celleiro na mesma Rua”. Este prédio pertencia a António Moreira de Brito, Major Graduado do Regimento de Lanceiros n.º 1 de Estremoz e descendente do “Mestre de

---

<sup>83</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 15, Lv. 65, fl. 42-44.

<sup>84</sup> ANSV, Livro 27, fl. 91v.

<sup>85</sup> ANSV, Livro 15, fl. 8v. Sobre a visita do prelado veja-se o texto “História e Tradição”.

<sup>86</sup> ANSV, Livro 16, fl. 14v.

<sup>87</sup> ANSV, Livro 17, fl. 16.

<sup>88</sup> ANSV, Livro 18, fl. 15v; Livro 19, fl. 12v.

<sup>89</sup> ANSV, Livro 32, fl. 13; Livro 33, fl. 13; Livro 20, fl. 13; e Livro 21, fl. 12v.

<sup>90</sup> ANSV, Livro 22, fl. 12v.

Campo José Joaquim Moreira”, e foi aforado a José Lúcio Carrilho, por 20\$000 réis anuais<sup>91</sup>.

Anos mais tarde, em 23 de Julho de 1860, é este mesmo José Lúcio que acaba por comprar toda a propriedade, mas somente na mira de realizar negócio, pois desfez-se dela rapidamente, como se verá. Nesta escritura de compra e venda é descrita como “hum morada de cazas Nobres sitas na Rua da Bicada desta Villa, que constão de altas e baixas, dois quintaes, Poço, Cavallarissa, e Palheiro, hum pequeno armazem que serve de Celleiro, e hum moradinha de cazas terreas e contiguas às Nobres, e bem assim quatro moradinhas de cazas terreas e contiguas às mesmas cazas Nobres e com a fronte ou servidoes para a Rua do Posso desta mesma villa”<sup>92</sup>.

António Moreira de Brito morava à data em Lisboa e é muito provável que esta venda fosse já o reflexo das dificuldades económicas por que passava o morgadio de Messejana e que seriam, definitivamente, agravadas com a extinção dos vínculos, alguns anos mais tarde.

Apenas três dias após a compra, José Lúcio Carrilho vende parte da propriedade a José Alexandre Cipriano de Carvalho, de Lisboa. Para o primeiro ficou somente a casa “asobradada” que tinha comprado a António Moreira de Brito<sup>93</sup>. Dois dias mais tarde, a 28 de Julho de 1860, troca esta por outras pertencentes a Lúcia Augusta de Campos, situadas também na Rua da Bicada<sup>94</sup>.

Durante todo este processo, as “cazas asobradas” serviram de morada a “Luiz Moreira de Brito Velho da Costa”, provavelmente, o último dos descendentes dos morgados de Messejana a habitar as casas, que actualmente servem de habitação, café e restaurante.

### ***Casa da Rua Soares Victor, actual n.º 12***

[Inserir imagem “Casa\_Soares\_Victor\_12.jpg”] Actualmente, quem passa nesta rua dificilmente repara na casa, o que não é de admirar, tendo em conta a beleza arquitectónica das restantes que formam aquele cruzeiro da vila e a aparente pobreza desta. No entanto, as respostas quanto às dúvidas que possam surgir sobre a sua inclusão neste grupo de casas nobres e quanto ao facto desta não se destacar em termos arquitectónicos encontram-se na documentação histórica.

Precisamente, um dos registos mais antigos encontrados para o conjunto das casas que aqui se estudaram refere-se a esta casa. Em 29 de Março de 1718, o “Doutor Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira” vendeu a Miguel de Abreu da Costa “humas cazas (...) que são sitas na Rua do Posso aos cantos”, pelo preço de 180\$000 réis. Casas essas que tinham sido de seu pai, João Rodrigues Cordeiro e lhe tinham calhado por herança. As casas “partem da

---

<sup>91</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 13, Lv. 53, fl. 2-5v.

<sup>92</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 14, Lv. 57, fl. 41-45.

<sup>93</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 14, Lv. 57, fl. 45-48. José Alexandre Cipriano de Carvalho comprou as casas térreas, o armazém e o celeiro, juntando estas propriedades às suas “Cazas Nobres” também na Rua da Bicada. Estas “Cazas Nobres” correspondem, muito provavelmente, à actual casa n.º 4 a 6 da Rua da Bicada, propriedade do Sr. José Carlos Albino.

<sup>94</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 14, Lv. 57, fl. 48-51.

parte de cima com cazas do dito Miguel de Abreu da Costa que foram de Felipe Rodrigues Tinoco e da parte de baicho partem com a travessa que vai para Val de Cavalinhos e com a mesma Rua do Posso (...) cujas cazas sam por todas oito cazas a saber sinco terreas e tres sobrados com dois quintais e posso e estrebaria e palheiro e tambem teem hum forno de cozer pam”<sup>95</sup>.

Temos já aqui proprietários ilustres. Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira era à altura Juiz de Fora da vila do Crato, chegando a ser fidalgo da Casa Real, deputado da Mesa da Consciência e Ordens e Chanceler da Casa da Suplicação<sup>96</sup>. O seu pai, João Rodrigues Cordeiro, foi tabelião em Messejana nos finais do século XVIII, inícios do século XIX<sup>97</sup>. Por sua vez, Miguel de Abreu da Costa era fidalgo da Casa de D. João V<sup>98</sup>.

No final do século, porém, as casas já tinham mudado de mãos. Pelo menos entre 1778 e 1801 foram propriedade de José Francisco de Melo<sup>99</sup>. Em 1811 pertenciam a Dona Ana de Melo, provavelmente, sua viúva, não sendo, na altura, cobrada décima das mesmas “por se acharem fixadas” (fechadas)<sup>100</sup>.

Apesar das mudanças, não deixa de ser curioso que passados quase 100 anos a propriedade regresse, apesar de ser por pouco tempo, à família Cordeiro Pereira. Efectivamente, em 1813 o Doutor Vicente José Cordeiro Pereira, sobrinho de Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira<sup>101</sup>, “comprou a D. Luiza”, talvez familiar (filha?) de D. Ana de Melo, essas casas. Na altura já não estavam desocupadas, pois é referido que um tal “Jose Francisco de Gois he o inclino” das mesmas<sup>102</sup>.

Um ano depois, a 20 de Junho de 1814, este mesmo inquilino comprou as casas onde vivia ao Doutor Vicente José Cordeiro Pereira, pela quantia de 200\$000 réis. A propriedade é então descrita como “hum morada de Cazas Nobres que [Vicente José Cordeiro Pereira] possuia na Rua do Posso e voltando para a Rua Nova da Palma partindo com quintaes de João Antonio Palma”<sup>103</sup>.

O novo proprietário terá vivido na casa durante muitos anos<sup>104</sup>, provavelmente, até à data da sua morte, que ocorreu, aparentemente, em 1837. A 4 de Dezembro desse ano os seus herdeiros entregaram a casa à Misericórdia de Messejana. Nesta altura é descrita como tendo “quatro cazas terreas, hum corredor, tres sobrados, hum casinha que serve de Celleiro, Cavalherisse, Palheiro, quintal com seu poço e alguns pés de Parreira”.

Tratar-se-ia de uma doação piedosa à Misericórdia, exigida em testamento pelo antigo proprietário? Nada disso, correspondia antes à cobrança de uma dívida que este tinha contraído junto da mesma, no valor de 200\$000 réis e

<sup>95</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 1, Lv. 6, fl. 56v-59.

<sup>96</sup> Cf. *O Campo d’Ourique*, nº 56, 24 de Agosto de 1899; IAN-TT, CNO, JM, Cx. 1, Lv. 6, fl. 17-20v e Cx. 5, Lv. 24, fl. 22-22v.

<sup>97</sup> IAN-TT, *Inventário dos Cartórios Notariais de Almodôvar e Ourique*, Lisboa, 1993.

<sup>98</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 1, Lv. 6, fl. 59.

<sup>99</sup> ANSV, Livro 15, fl. 28v; Livro 16, fl. 45v; Livro 17, fl. 46v; Livro 18, fl. 62 e Livro 19, fl. 43.

<sup>100</sup> ANSV, Livro 32, fl. 47v.

<sup>101</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 24, fl. 22-22v.

<sup>102</sup> ANSV, Livro 33, fl. 47v.

<sup>103</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 8, Lv. 39, fl. 8v-10v; ANSV, Livro 20, fl. 48.

<sup>104</sup> Em 1816 e 1819 ainda é declarada como sua nos livros de cobrança das décimas. ANSV, Livro 21, fl. 47v e Livro 22, fl. 47v.



respectivos juros, dando como hipoteca a referida casa. Ou seja, muito provavelmente, tendo em conta os valores em presença, para conseguir comprar a casa em 1814, José Francisco de Gois tinha recorrido à Misericórdia, que agora não perdoava aos seus herdeiros. Porém, accionar a hipoteca já não chegava para pagar a dívida, pois, como é referido, o “Predio mencionado (...) bastantemente se acha destruido”<sup>105</sup>.

Em 23 de Janeiro de 1838, aparentemente, depois de algumas obras, a Misericórdia aforou a casa a Dona Maria Barbara de Mattos, viúva de Nicolau Talentino de Vasconcelos, pelo foro anual de 9\$000 réis. O prédio tinha agora uma “caza nova dentro que serve de cozinha”, tinha duas portas para a Rua Nova da Palma, uma do quintal, outra de um “quarto de serventia”, e uma outra “porta principal” que dava para a Rua do Poço<sup>106</sup>.

Algures entre essa data e 1852 a Misericórdia terá vendido a casa, pois neste último ano ela é já propriedade de José Taurel, indivíduo, provavelmente, de origem judaica pois é referido como “Hebreu”. As obras que a casa teria sofrido em 1838, certamente, não foram suficientes para impedir a sua degradação com o passar dos anos, pois só assim se explica o preço por que foi vendida por José Taurel. Em 6 de Dezembro de 1852, este vendeu a sua “morada de cazas, sitas na Rua do Poço (...) cujas cazas se compõem de sete cazas terreas, hum corredor, trez sobrados, quintal com sete parreiras e pôço” a José Joaquim Pestana, natural do Funchal e residente em Messejana, pelo preço de 19\$200 réis<sup>107</sup>.

Uma desvalorização significativa que em muito se terá reflectido na aparência exterior da casa, levando, como se disse, a que hoje passe quase despercebida, apesar da sua longa história. Um pormenor interessante para acrescentar a esta é o facto de ser descrita, pelos actuais inquilinos, como uma das primeiras casas a ter telefone em Messejana.

### ***Casa da Rua da Bicada, actual n.º 4 a 6***

[Inserir imagem “Casa\_Bicada\_4-6.jpg”] A história desta casa não é simples de se fazer. A actual propriedade corresponde a quatro conjuntos de casas que ao longo dos tempos foram tendo variados donos, havendo alturas de união de prédios e outras de vendas e usufrutos separados. Contudo, é provável que a actual delimitação venha de meados do século XIX, altura em que os diferentes prédios foram, aparentemente, reunidos nas mãos de um só proprietário.

Assim, as primeiras notícias sobre estas casas datam do primeiro terço do século XVIII. Em 19 de Setembro de 1724, Marcos Penedo comprou aos seus cunhados António Sião e Manuel Parreira “huma morada de cazas sitas nesta vila de Messejana em a Rua da Bicada (...) cujas cazas constavao de seis cazas terreas com hum sobrado e Estrabaria com seu Palheiro e seu quintal a qual tem hum forno de cozer pam e huma sisterna e partem com as cazas do

---

<sup>105</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 10, Lv. 45, fl. 51-55v.

<sup>106</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 10, Lv. 45, fl. 74-77.

<sup>107</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 12, Lv. 52, fl. 69v-72.

Reverendo Prior e com cazas de Domingos Ribeiro Palma”, pelo preço de 80\$000 réis<sup>108</sup>.

O objectivo desta compra não era a habitação, mas sim constituir com ela património para o filho do casal se puder ordenar clérigo, como é referido em 24 de Dezembro desse mesmo ano, quando Marcos Penedo e a sua mulher Teresa Gonçalves doaram as casas ao filho Felipe Gonçalves<sup>109</sup>.

Entretanto, as casas confinantes, pertencentes a Domingos Ribeiro Palma, passaram para o seu filho o Doutor António Bernardo Palma, que morava aí, pelo menos desde 1759<sup>110</sup>. António Bernardo Palma chegou a ser superintendente dos tabacos da província do Alentejo<sup>111</sup>. Deveria ser homem de grossos capitais, a que corresponderia, por certo, uma habitação à altura, como, aliás, se poderá comprovar por descrições posteriores.

A partir de 1756 surgem as primeiras referências ao quarto conjunto de casas. A 21 de Dezembro o capitão Marcos Alberto Palma, irmão do anterior, na altura, regente das obras de reedificação da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, comprou por 67\$200 réis um “farejal” e umas casas a Isabel Costa e ao seu filho Francisco Xavier, de Montemor-o-Novo. As casas eram “sittas na Rua da Bicada” e “partem de huma banda com cazas do doutor Antonio Bernardo Palma e da outra parte com cazas de João Velho da Costa e as quais constão de quatro terreas e dois sobrados e dois quintais e estrabaria e palheiro”<sup>112</sup>.

Alguns anos mais tarde era a vez das antigas casas do padre Filipe Gonçalves mudarem de mãos. Em 9 de Novembro de 1761 estas pertenciam já a outro clérigo, o padre José Jorge, que nesta data as vendeu a um terceiro eclesiástico, o clérigo João de Deus, pela quantia de 199\$600 réis. Estes dois eram moradores em Messejana<sup>113</sup>.

Em 10 de Outubro de 1776 João de Deus era já falecido e as casas tinham sido herdadas pela sua sobrinha Maria de Jesus, que as vendeu ao Doutor António Bernardo Palma por 110\$000 réis<sup>114</sup>. Este deve ter anexado estas casas às que já tinha na mesma rua.

António Bernardo Palma morreu em data incerta, mas muito provavelmente entre 1778 e 1789. No primeiro ano era ele ainda que morava numa das casas na Rua da Bicada, sendo também proprietário de outras<sup>115</sup>. Na segunda data a décima dessas casas foi lançada a Dona Margarida Antónia da Maia e Vasconcelos, provavelmente, sua viúva, sendo declaradas como “devolutas”, ou seja, desocupadas<sup>116</sup>.

Também o terceiro núcleo de casas, as que em 1724 pertenciam ao “Reverendo Prior”, foi entretanto mudando de proprietários. Em finais do século XVIII pertenciam a José do Carmo que, em Março de 1791, com a sua mulher,

---

<sup>108</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 2, Lv. 9, fl. 39-41.

<sup>109</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 2, Lv. 9, fl. 47v-48v.

<sup>110</sup> ANSV, Livro 27, fl. 91v.

<sup>111</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 23, fl. 85-89v.

<sup>112</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 4, Lv. 20, fl. sem n.º.

<sup>113</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 5, Lv. 23, fl. 85-89v.

<sup>114</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 6, Lv. 30, fl. 34v-37.

<sup>115</sup> ANSV, Livro 15, fl. 8v-9v.

<sup>116</sup> ANSV, Livro 16, fl. 14v.

as vendeu a José Magro Soares por 23\$800 réis. Eram umas “Cazas sitas na Rua da Bicada juntas a hum Calvario que esta na mesma Rua desta vila que constam de tres cazas terrias e dois sobrados” encravados entre casas que pertenciam aos herdeiros do Doutor António Bernardo Palma<sup>117</sup>.

[Inserir imagem “Casa\_Bicada\_4-6(calvario).jpg”] Outro aspecto muito interessante, desta última descrição, é o facto de apresentar a primeira referência conhecida ao Calvário ainda hoje existente na parede da casa.

Entretanto, o prédio principal deste conjunto, “as cazas Nobres que forão do cazal do Doutor Antonio Bernardo Palma”, em 1793, estava arrendado a João António Palma, mantendo-se assim, pelo menos, até 1801<sup>118</sup>. Este era filho do capitão Marcos Alberto Palma<sup>119</sup> e, como tal, herdeiro nas casas que o pai tinha adquirido em 1756.

Em 1 de Julho de 1802, a parte da propriedade que pertencia a José Magro Soares foi comprada por António Vaz Botelho pelo preço de 50\$000 réis, correspondendo a “hum morada de cazas que constão de tres cazas e dois sobrados cujas partem com a coxeira de João Antonio Palma e com cazas dos herdeiros do Doutor Antonio Bernardo Palma e pella parte de tras com quintal das cazas de João de Deus que hoje são de João Antonio Palma e pella parte de diante com a Rua publica” da Bicada<sup>120</sup>.

Com a excepção destas últimas, o conjunto das casas, aparentemente, passou a constituir propriedade de João António Palma, pelo menos, desde 1811<sup>121</sup>. Tudo indica que juntou ao prédio herdado as casas que tinham pertencido a António Bernardo Palma, seu tio, para formar, em 1830, uma “morada de Cazas Nobres que tem e possui livres e izentas na Rua da Bicada” e que, em 20 de Outubro desse ano, hipotecou por causa de uma dívida contraída junto de Gertrudes Francisca, de Panóias<sup>122</sup>.

Não se sabe se por causa desta dívida, ou por outro motivo, mas o certo é que em 1852 as “Cazas que forão de João António Palma, (...) hoje são de Donna Antónia Ritta Madeira de Torres, da Cidade de Lisboa”<sup>123</sup>. É provável que esta senhora fosse esposa de José Alexandre Cipriano de Carvalho, também ele residente na capital, que, em 14 de Outubro de 1856, comprou um “Predio [que] se acha incarvado no predio que actualmente possui” e no qual “he obrigado a conservar hum paço dos martírios de Jesus Christo e o painél que serve na festividade da procição do Senhor Jesus dos Paços desta Villa”. O prédio pertencia a Ana Claudina Pestana, natural de Messejana, mas residente no Funchal e tinha sido de sua tia Ana dos Santos Serrana que faleceu, também, no Funchal<sup>124</sup>.

Repare-se na nova referência ao Calvário ou Passo, à utilização que é dada ao mesmo e no cuidado posto na sua preservação. Tendo em conta a realidade

---

<sup>117</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 33, fl. 59v-60v.

<sup>118</sup> ANSV, Livro 17, fl. 16; Livro 18, fl. 16 e Livro 19, fl. 13. A referência às casas “Nobres” surge numa escritura de venda de outras. Cf. IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 34, fl. 48v-50v.

<sup>119</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 31, fl. 86.

<sup>120</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 7, Lv. 35, fl. 60-62v.

<sup>121</sup> ANSV, Livro 32, fl. 13v; Livro 33, fl. 13v; Livro 20, fl. 14; Livro 21, fl. 13 e Livro 22, fl. 13.

<sup>122</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 43, fl. 190v-191v.

<sup>123</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 12, Lv. 52, fl. 69v-72.

<sup>124</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 13, Lv. 55, fl. 75-77v.

actual (na vila já só existem dois exemplares desta arquitectura religiosa), é de louvar esta atitude de conservação do património histórico/religioso manifestada numa escritura de meados do século XIX.

Em 17 de Abril de 1872, as atribuições desta propriedade e do conjunto de casas que a constituiu, aparentemente, chegaram ao fim, pois foram as mesmas vendidas por Viriato Augusto Madeira Torres, de Lisboa, a Henrique Maria Albino, de Messejana, pelo preço de 300\$000 réis<sup>125</sup>, mantendo-se, na actualidade, na posse dos descendentes do mesmo.

Para além de conservar nas suas paredes o Passo, ainda hoje referência obrigatória nas procissões religiosas de Messejana, o prédio destaca-se, igualmente, pelo curioso conjunto de janelas e sacadas de desenho singular que possui.

### **Casa da Praça 1º de Julho / Rua do Engenho**

[Inserir imagem “Palacete\_Morgado.jpg”] Esta casa corresponde, sem dúvida, ao imóvel de arquitectura civil mais imponente e singular da vila de Messejana, sendo conhecido como o “Palacete do Morgado”. A construção actual data do primeiro terço do século XIX, mas a sua história vem já do século XVI e liga-se à própria vida da vila e a certos acontecimentos históricos da mesma, apesar de alguns estarem, ainda, envoltos em lendas.

Apesar da sua abundante história, que se reflectiu na própria riqueza arquitectónica que marca claramente um contraste com todo o restante património edificado de Messejana, aqui apresentam-se apenas alguns aspectos gerais, pois a evolução e descrição desta propriedade encontra-se já estudada noutro lugar<sup>126</sup>.

As primeiras referências a esta propriedade datam de 1570 e refere a lenda, reforçada pela tradição popular, que na sua visita a Messejana o rei D. Sebastião aí pernitoiu. É certo que o monarca, em viagem pelo Alentejo, permaneceu por quatro dias na vila, entre 10 e 13 de Janeiro de 1573, porém, as crónicas nada esclarecem sobre o local que terá servido de pousada ao rei durante esse período<sup>127</sup>.

[Inserir imagem “Palacete\_Morgado(brasao).jpg”] A mesma foi passando por diversos donos até 1780, altura em que foi vendida a José Joaquim Moreira de Brito e Castanheda Velho e Costa<sup>128</sup>. Passou assim a integrar o morgadio dos Velho Costa. Esta família surgiu em Messejana no final do século XVI, início do século XVII, fruto do casamento de Isabel Velha Soares, de Ourique, com Luiz

---

<sup>125</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 15, Lv. 62, fl. 25-26.

<sup>126</sup> Veja-se Anónimo, *Noticia Historica e Descritiva do Palacete que pertenceu aos Morgados Moreiras de Messejana oferecida ao seu actual proprietario o Ex.mo Sr. Ernesto Augusto Campos de Carvalho por um curioso*, Estremoz, Typografia Estremocense, 1890 (pequeno estudo escrito, muito provavelmente, pelo último notário da vila, Francisco Soares Victor).

<sup>127</sup> Francisco de Sales Loureiro, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve. A alteração das linhas de força da política nacional*, Livros Horizonte, 1984, pp. 89 a 93; AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XVII, pág. 50; Judite Calisto e Jayme Ferrer, “Vila de Messejana...”, pág. 105; Francisco Soares Victor Paquete, “D. Sebastião em Messejana”, in *Messejana d’algum dia...Cadernos Culturais da Junta de Freguesia de Messejana*, Messejana, Vol. IV, 1998, pp. 55 a 59.

<sup>128</sup> Anónimo, *Noticia Historica e Descritiva...*

da Costa, tesoureiro geral das décimas, morador em Messejana<sup>129</sup>. O morgadio dos Moreira terá sido instituído por João Velho da Costa e sua mulher D. Joana Micaela d'Abreu Mendanha, em 1695. João Velho da Costa tinha servido na Guerra da Restauração, foi proprietário dos ofícios de Justiça e Fazenda de Messejana, tesoureiro da décima, cavaleiro fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício e cavaleiro da Ordem de Cristo, com tença no almoxarifado de Campo d'Ourique<sup>130</sup>.

Em 3 de Janeiro de 1825 Baltazar Moreira, filho de José Joaquim Moreira, comprou ao Marquês de Borba umas “Cazas que lhe servião de Selleiro, e Recolhimento dos fructos da sua Comenda situadas na Praça desta Villa de Messejana e constando de dois Altos e dois Baixos construídos em Taipa com seu Quintal”. Como é referido na escritura, estas casas ficavam entre a antiga travessa do Poço da Asna e outras casas de Baltazar Moreira e no conjunto vão estar na base da actual fachada principal do palacete<sup>131</sup>.

Entre 1825 e 1828 a propriedade sofreu obras de remodelação tendo sido, então, edificada toda a fachada do lado da praça<sup>132</sup>. Isso mesmo pode ser, em parte, depreendido pela leitura da referida escritura, pois aí é declarado que a compra das ditas casas destinava-se a “acrescentar” as “Cazas da sua morada em que já vai continuando obras”<sup>133</sup>.

O morgado Baltazar Moreira deve ter falecido cerca de 1832. Nesta data ficamos a saber que, por ser “hora fallecido”, a sua casa pertencia a José Joaquim Moreira de Brito, provavelmente seu filho, e à mulher deste, D. Ana Maria Bivar Almeida Coelho<sup>134</sup>.

[Inserir imagem “Palacete\_Morgado(sanefa).jpg”] A história da casa acompanha então as vicissitudes da vida dos morgados que, certamente por dificuldades financeiras, acabam por vendê-la em 1864, depois da abolição dos vínculos. Em 1887, esta foi comprada por Ernesto Augusto Campos de Carvalho que procedeu a nova remodelação entre 1889 e 1890<sup>135</sup>.

Este solar ostenta ainda no tecto de uma das salas do primeiro piso o escudo com as armas dos Velho Costa, num conjunto de pintura verdadeiramente impressionante. Tem também outras salas com pinturas nos tectos e paredes, aparentemente, do século XVIII, início de XIX, e outras de finais do século XIX.

[Inserir imagem “Palacete\_Morgado(capela).jpg”] Para além da profusão de pinturas, muitas das quais em mau estado e em risco de se perderem por completo, o edifício conta ainda com outros pormenores de interesse: destaque para a cozinha, com o seu majestoso lar; para a capela privativa integrada no corpo do palacete, actualmente servindo de capela funerária da vila; para o tanque ornamentado, em risco de ruína total; ou para o magnífico jardim que ocupa toda a traseira do edifício e a necessitar de cuidados urgentes.

<sup>129</sup> O Campo d'Ourique, nº 28, 9 de Fevereiro de 1899.

<sup>130</sup> O Campo d'Ourique, nº 67, 9 de Novembro de 1899.

<sup>131</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 41, fl. 161v-164v.

<sup>132</sup> Anónimo, *Noticia Historica e Descritiva...*

<sup>133</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 41, fl. 163.

<sup>134</sup> IAN-TT, CNO, JM, Cx. 9, Lv. 42, fl. 146v.

<sup>135</sup> Anónimo, *Noticia Historica e Descritiva...*

Actualmente o palacete está dividido e é ocupado pela Misericórdia de Messejana, pela Junta de Freguesia e por três casas particulares. Alguns dos compartimentos foram completamente descaracterizados e outros encontram-se em avançado estado de degradação, necessitando de medidas urgentes de restauro, conservação e valorização.

## **Conclusão**

As casas aqui destacadas constituíam, no fundo, um conjunto de habitações que realçaram, ao longo da sua história, através da sua fachada, do tipo de construção, dos materiais utilizados e dos elementos decorativos, a importância, o poder, a riqueza, no fundo, a nobreza dos seus ocupantes e proprietários.

Efectivamente, pela análise da documentação, tendo em conta as descrições encontradas, mas também pela observação das mesmas casas na actualidade, é possível realçar alguns aspectos comuns entre elas e que as tornavam “cazas nobres”, aos olhos dos messejanenses de outros tempos.

Antes de mais o facto de serem, todas elas, casas de piso térreo e sobrado, ou seja, casas de dois pisos e que só por esse facto sobressaíam, e sobressaem, do conjunto de construções mais típicas e comuns na vila, as casas de apenas um piso.

Para além do número de pisos, é de referir a quantidade e qualidade das divisões. São moradas compostas por “diversos compartimentos”, várias “cazas”, por vezes em número bastante superior ao que era vulgar nas casas comuns. Habitações constituídas por “sette Sobrados e baixos respectivos” ou por “seis sobrados e sete cazas terreas”, algumas ostentando pinturas decorativas que ainda hoje são visíveis, tinham de ser consideradas pelos seus proprietários como “cazas nobres”. Para tal designação contribuía também o facto de muitas delas terem cavalariças, palheiros, fornos e quintais, por vezes, com árvores de fruto e poço próprio.

Sendo casas de morada de gente ilustre e importante no governo, na administração e na sociedade de Messejana, durante os séculos XVIII e XIX, como eram os capitães-mores, o desembargador, o juiz de fora, o médico, o escrivão, os tabeliães ou os párocos, era natural que fossem um espelho dessa mesma importância, cuja imagem se reflectia na construção das fachadas e nos seus pormenores decorativos. Destacam-se, neste caso, as varandas e sacadas, o apuro na decoração das portas e janelas, os remates dos telhados e a utilização de materiais nobres como a pedra, essencialmente calcário, utilizada em ombreiras das portas e janelas, nos peitoris e noutros elementos arquitectónicos, ou o ferro, utilizado nas varandas e sacadas, por exemplo.

Todas estas características eram frequentes em edifícios considerados de prestígio e através dos quais os proprietários pretendiam transmitir uma imagem e um simbolismo de poder, riqueza e influência no quotidiano da vila nos séculos XVIII e XIX. Porém, se nessa altura eram importantes para os seus proprietários, hoje, essas mesmas casas, continuam a ser essenciais pela riqueza que acrescentam ao património histórico-cultural de Messejana, o qual urge conservar e valorizar.

### Fontes Manuscritas

Arquivo Distrital de Beja, Fundos Notariais, Cartório Notarial de Messejana, Livros de Notas

Arquivo Municipal de Aljustrel, Livros vários

Arquivo Notário Soares Victor, Messejana, Livros vários

Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo, Cartório Notarial de Ourique, Julgado de Messejana, Livros de Notas

Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo, Desembargo do Paço, Alentejo e Algarve

### Fontes Impressas

*Bejense* (O)

*Campo d'Ourique* (O)

COELHO, P. M. Laranjo (pub.), *Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. João IV e a El-Rei D. Afonso VI*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, Vol. II, 1940.

COSTA, P. António Carvalho da, *Corografia Portuguesa*, Tomo II.

DIAS, Luiz Fernando de Carvalho, *Forais Manuelinos do Reino de Portugal e do Algarve. Entre Tejo e Odiana*, Fundão, 1965.

IAN-TT, *Inventário dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, Lisboa, Imprensa Nacional, Vol. II, 1917.

IAN-TT, *Inventário dos Cartórios de Almodôvar e Ourique*, Lisboa, 1993.

### Bibliografia

AAVV, *Casas Nobres de Portugal*, Lisboa, Difel, 1987.

AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s.d..

CALISTO, Judite e FERRER, Jayme, "Vila de Messejana. Salvaguarda e Valorização", in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 1, 1992, pp. 105 a 111.

CALISTO, Judite e MARTINS, Maria Odete S., "Bula Ineffabilia Gloriosa do Papa Pio V Concedida à Igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Messejana", in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 7, 1998, pp. 51 a 57.

CÂMARA, Teresa Maria Vieira dos Santos Pereira Bettencourt da, *Óbidos. Arquitectura e Urbanismo (Sécs. XVI e XVII)*, Lisboa, Dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

DIAS, Maria da Graça, “Os franciscanos de Messejana, pregadores no campo de Ourique”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 8, 1999, pp. 79 a 93.

GONÇALVES, António Nogueira, *Casas Nobres do Século XVIII*, Coimbra, Comissão de Turismo da Lousã, 1950.

GONÇALVES, Iria, “Físicos e Cirurgiões quatrocentistas”, in *Do Tempo e da História*, Lisboa, Vol. I, 1965, pp. 69-112.

LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve. A alteração das linhas de força da política nacional*, Livros Horizonte, 1984.

PAQUETE, Francisco Soares Victor, “D. Sebastião em Messejana”, in *Messejana d’algum dia...Cadernos Culturais da Junta de Freguesia de Messejana*, Messejana, Vol. IV, 1998, pp. 55-59.

Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*.

PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, “Urbanismo histórico das vilas de Aljustrel e Messejana. Séculos XIII a XVI”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 5, 1996, pp. 71 a 101.

PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, “A Ermida de Nossa Senhora da Assunção”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 8, 1999, pp. 9 a 22.

PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça, “A Evolução Urbana da Vila de Messejana – Dos Séculos XIV a XIX – Que Centro Histórico?”, in AAVV, *Vipasca. Arqueologia e História*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, Vol. 9, 2000, pp. 19 a 45.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, s.l., Verbo, 1980.